

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos: memória, patrimônio e cultura popular*

Andréa Casa Nova Maia

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Vitor Leandro de Souza

Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro (PUC-Rio)

The Feast of Our Lady of the Rosary of Black Men: memory, heritage and popular culture

Resumo

A tradicional Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Minas Gerais, é uma das mais importantes manifestações da cultura e da fé do povo mineiro. Os festejos têm, cada vez mais, se destacado pela manutenção das tradições afrodescendentes do estado pela oralidade, consolidando-se como um lugar de memória que reinventa suas tradições, a cada ano, no dia da coroação do rei e da rainha da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Este trabalho é um dos resultados de uma experiência de pesquisa na região norte do estado de Minas Gerais, entre os municípios de Diamantina e Serro, em que pretendemos discutir a manutenção da Festa num cenário onde, cada vez mais, a intervenção turística e patrimonial e, por conseguinte, a espetacularização da cultura, apontam para – e conflitam com – a força da transmissão dos costumes e tradições religiosas tendo como via de transmissão a oralidade.

Palavras-Chave: Oralidade; Cultura popular; Memória.

Abstract

The Feast of Our Lady of the Rosary of the Black Men, in the state of Minas Gerais, Brazil, is one of the most important manifestations of the culture and faith of the people of this region. The festivities have been increasingly distinguished by the maintenance of Afro-descendant traditions of Minas Gerais by orality, being consolidated as a place of memory that reinvents their traditions every year with the coronation of the king and queen of the feast. This work is one of the results of a research experiment in the northern region of the state of Minas Gerais, between the municipalities of Diamantina and Serro, where we intend to discuss the maintenance of the Feast of Our Lady of the Rosary of the Black Men in a scenario where, increasingly, the touristic and patrimonial intervention and, therefore, the spectacularization of culture, point to - and conflict with - the force of customs and religious traditions transmission by orality.

Keywords: Orality; Popular culture; Memory.

* Agradecemos especialmente às sugestões do Prof. Dr. William de Souza Martins (Instituto de História da UFRJ) que, na medida do possível, foram incorporadas ao texto.

I n t r o d u ç ã o

Nossa Senhora do Rosário, dai a todos os cristãos a graça de compreender a grandiosidade da devoção do santo rosário, no qual a recitação da Ave Maria se junta à profunda meditação dos santos mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus, vosso filho e nosso Redentor. São Domingos, apóstolo do rosário, acompanhai-nos com Maria na recitação do terço, para que, por meio dessa devoção, cheguemo-nos ao mistério amoroso de Jesus, e Nossa Senhora do Rosário nos leve a vitória em todas as lutas da vida. Por seu filho, Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Oração a Nossa Senhora do Rosário

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é uma manifestação cultural tradicional cujas origens remontam ao processo de colonização da América Portuguesa. Suas características sincréticas e adaptações regionais tornam-na uma das expressivas evidências do patrimônio imaterial, representando um marco do hibridismo cultural do barroco no Alto Jequitinhonha (Imagem 1), em Minas Gerais. Em tempos recentes, a criação do projeto *Estrada Real* e o reconhecimento da cidade histórica de Diamantina como patrimônio da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), inferiu novas significações à cultura popular da região, que vem experimentando mutações

rápidas resultantes das intervenções turísticas.

Imagem 1 – Cruzeiro enfeitado para a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde, distrito do Serro, Minas Gerais (2015).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

A cultura tradicional das comunidades pesquisadas foi concebida na

ótica das recentes discussões sobre patrimônio, em particular pela noção de patrimônio imaterial. Após a aprovação do Decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000, foi regularizado o “patrimônio cultural imaterial ou intangível” para que o mesmo possa ser mapeado e registrado. Durante décadas, a preocupação sobre o que preservar voltava-se para o tombamento de bens de “pedra e cal” (como casarões, fortes e igrejas), mas após este decreto, passou-se a valorizar, preservar e registrar também o intangível, ou seja, valorizar e criar um acervo amplo e diversificado de *expressões culturais*. Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida.

Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta é no sentido de *registrar* essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações (ABREU & CHAGAS, 2000, p. 24-27). Este registro poderá ser fei-

to através dos meios técnicos mais adequados, mostrando o passado e o presente dessas manifestações e tornando essas informações acessíveis ao público. Para *preservá-los*, faz-se necessário manter o registro da memória destes bens culturais e da forma como se modificam com o passar do tempo. Vale ressaltar que, na visão dos pesquisadores e dos intelectuais, o patrimônio intangível se manifesta através de representações materiais de uma *identidade* e de uma *memória ética*¹.

Por outro lado, para aqueles imersos nesta *identidade*, essa concepção de patrimônio é estranha. É perfeitamente possível identificar objetos, alimentos, rezas, mitos, rituais, como patrimônio. Porém, é importante que essas categorias não sejam naturalizadas, tão pouco impostas a um significado peculiar e estranho do ponto de vista nativo. Preservar uma *graça* recebida não é possível, menos ainda tomar os dons de um determinado santo; mas é possível preservar, por meio de registros e acompanhamentos, os lugares, as fes-

¹ Refere-se à noção de que, por vezes, os processos de institucionalização patrimonial ocorrem de maneira a descon siderar os interesses dos representados. O trabalho de Ana Mae Barbosa (1991) traz boas reflexões e propostas.

tas, os conhecimentos culinários etc. É curioso, no entanto, o uso dessa noção para classificar bens tão tangíveis quanto lugares, festas, espetáculos e alimentos. De certo modo, essa noção expressa a moderna concepção antropológica de cultura, cuja ênfase está nas relações sociais ou mesmo nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas. A categoria *intangibilidade* talvez esteja relacionada a esse caráter desmaterializado que assumiu a referida moderna noção antropológica de *cultura* (ABREU & CHAGAS, 2000, p. 26).

O patrimônio *intangível* pode ser apreendido através do registro de criações populares diversas, conhecidas ou anônimas, importantes por serem expressões de conhecimento, práticas e processos culturais, bem como de um modo específico de relacionamento com o meio ambiente.

Buscamos, no registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, evidenciar novas dimensões dessa manifestação cultural ainda pouco exploradas, já que, em cada contexto socioambiental, ela se manifesta de uma determinada forma, misturando elementos ficcionais e lastros histórico-culturais forjados numa memória em construção. Trata-se de uma manifestação ainda presente na cultura popular mineira, que seleciona elementos históricos do passado hibridizando-os com memórias inventadas a partir de fragmentos da tradição oral e do cotidiano.

Exemplo relevante do novo tipo de abordagem encontra-se em uma pesquisa realizada há cerca de cinco anos, em Minas Gerais, em que buscamos, no registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, evidenciar novas dimensões dessa manifestação cultural ainda pouco exploradas, já que, em cada contexto socioambiental, ela se manifesta de uma determinada forma, misturando elementos ficcionais e lastros histórico-culturais forjados numa memória em construção.

Trata-se de uma manifestação ainda presente na cultura popular mineira, que seleciona elementos históricos do passado hibridizando-os com memórias inventadas a partir de fragmentos da tradição oral e do cotidiano. Outra intervenção significativa nessas narra-

tivas encenadas na Festa é aquela levada pelos novos fluxos significacionais do processo turístico na escala regional.

A importante relação estabelecida entre Turismo e Cultura veio a ser trabalhada pelas Ciências Sociais apenas recentemente. Apesar de o desenvolvimento do turismo em grande escala ter se iniciado por volta da metade do século XIX, somente em 1960 surgem os primeiros trabalhos sobre Turismo. O surgimento do turismo cultural nos finais do século XVIII está associado ao *Grand Tour*. Nessas viagens, a burguesia europeia experimentava o prazer da viagem e a descoberta *in loco* do outro, em jornadas referenciadas por uma alteridade nova, cunhada no âmbito da modernidade, introduzindo novas racionalidades na relação entre a noção de câmbios culturais e hospitalidade².

Assim, o turismo cultural veio a ser uma modalidade associada a motivações dos sujeitos em busca do desejo de encontrar-se com o outro e com si mesmos, com culturas outras. Por esta razão, o turismo cultural atualmente apresenta-se como fenômeno social

² Sobre essa nova racionalidade, que teve seu advento, em grande medida, a partir do *Grand Tour*, a explanação de Valéria Salgueiro (2002) dá conta de aprofundar os impactos técnicos e culturais dessa prática.

complexo, relacionado à mobilidade física, mas referenciado na experiência. Com a intensificação e aceleração do processo de globalização, surge uma nova visão sobre cultura, que alguns autores consideram como *cultura econômica* ou *cultura mercadoria*, nas quais a noção de produção se generaliza e a cultura passa a ser vista como mais uma mercadoria, um instrumento de desenvolvimento econômico. A produção de uma necessidade pautada não mais pela cultura em si, mas pelo lazer e o entretenimento, onde a arte – bem como a religião e o mito – também passa a ser prerrogativa na esfera do consumo³.

Para o turismo cultural, as festas tradicionais atuam como atrativo que atinge o turista, interessado no significado dos rituais que compõem tais manifestações. As festas tradicionais possuem caráter ideológico, representando para a comunidade um meio de conservar sua história e memória. Tudo que compõe o interior da festa tem uma função determinada, justificando e apoiando o sentido e a razão de ser do ritual. Sua história sofre constantes alte-

³ A questão das tensões entre os agentes promotores das festas tradicionais, as autoridades urbanas e a economia de mercado aparecem também nas obras de Carlos Rodrigues Brandão (1978) e Marina de Mello e Souza (1994).

rações no decorrer do tempo devido ao seu aspecto espontâneo e a oralidade da transmissão. Tanto os aspectos estruturais da festa, quanto os aspectos mais sutis, como os valores e os significados, mudam e se transformam. Como apreender manifestações em mutação, abrindo ainda possibilidades de seu registro e alcance socialmente amplo?

As novas tecnologias midiáticas contribuem para a *preservação* desses festejos, agora vistos como patrimônio. O objetivo deste artigo, portanto, é discutir alguns aspectos da tradição da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Minas Gerais e de sua manutenção num cenário de cada vez maior intervenção turística e, por conseguinte, *espetacularização* da cultura, apontando para a força da transmissão dos costumes e tradições religiosas, via tradição oral.

A tradição através da oralidade

Introduzindo o tema tradição oral, é necessário que se diga, antes de tudo, que esta expressão continua possuindo significado ambíguo. Algumas

vezes, tradição oral significa um conjunto de bens materiais preservados no passado. Outras vezes, utilizamos o conceito para falar do processo pelo qual a informação é passada de geração para geração. Consideramos mais adequado utilizarmos, aqui, a definição de Gerd Bornheim (1985, p. 21-22), para o qual a tradição pode “ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos, valores estes que, pelo dito ou escrito, passam de geração em geração. Assim, ela adquire um ‘caráter de permanência’, fazendo-se ‘princípio de determinação’”.

Preferimos trabalhar com o conceito de *tradição oral* do que com o de *oratura*, *oralitura*, ou *literatura oral*, justamente por acharmos que, quando falamos de estórias populares, que circularam, durante séculos, pela voz dos contadores orais, ou seja, pela voz dos bastiões da tradição, o termo tradição oral assegura a idéia de permanência. Como as idéias circulam, estas estórias também circulam, bem como são processos nos quais há permanências e mudanças. Se refletirmos sobre como a tradição oral é usada na prática, veremos que, para a maioria das pessoas, ela é bem mais do que simples-

mente um conjunto de textos formais: é uma parte viva, vital da vida. Ou seja, participa do nosso cotidiano a todo o momento. E a História, mesmo mítica, é, na fala dos descendentes que a preservam, configuração do passado por aqueles que vivem no presente. A cultura está, nesse sentido, sempre em processo de ser redesenhada em decorrência de condições externas. Por este ponto de vista, ela não seria, pura e exclusivamente, um conjunto empírico de características passadas intactas de uma geração para a outra; e sim, criativamente reconstruída a cada geração, para solucionar problemas sociais e políticos do presente. E mais, este é um processo humano normal e provavelmente sempre o foi (CRUIKSHANK, 1996, p. 164).

Geralmente, ao se discutir tradição oral e história oral, vêm à tona algumas questões que dizem respeito a como as descrições históricas de encontros entre culturas são construídas e passam a ter autoridade. Uma das questões está relacionada com o *status* das tradições orais, particularmente à forma como podem contribuir para documentar a grande variedade de abordagens históricas, em áreas do mundo onde documentos escritos ou

são relativamente recentes ou nem sequer existem.

A oralidade é o alicerce sobre o qual se constrói o edifício da cultura de determinado povo. Praticar o contar, em algumas culturas, foi e é mais do que uma arte ou folclore isto é, foi e é um grito de resistência e uma forma de autopreservação dos referenciais do grupo frente à esmagadora força daquilo que chamamos pejorativamente de “hamburgerização do mundo”, aspecto nefasto e homogeneizante da globalização da cultura.

Em termos de produção cultural, a arte de contar é uma prática ritualística, um ato de iniciação, e tal prática e ato são, sobretudo, gestos de prazer pelos quais o mundo real dá lugar ao momento do meramente possível que, feito voz, ata a realidade e desata a fantasia. No caso da cultura brasileira e, especificamente, da festa religiosa em questão, é importante compreender as ligações com a cultura africana. Todo o modo de o africano conceber o mundo está profundamente ligado ao fato de ser a oralidade a dominante de sua cultura. Nela, de acordo com Honorat Aguessy (apud PADILHA,

1995, p. 114), “a detenção da palavra [...] é sinal de autoridade”, o que faz o africano dar um peso mais expressivo não só àquela mesma palavra, mas ao seu detentor no processo da ritualidade social; quem tem o poder da palavra se faz, por isso, um ser absolutamente aurático. A palavra contada assume um aspecto sagrado, ligando o hoje com o ontem, numa espécie de corrente divina, unindo aquele que conta, o que ouve e aos que em algum tempo contaram e ouviram. O ato de dizer se fez, portanto, um gesto não gratuito na vasta territorialidade africana, adquirindo um especial matiz entre os sujeitos comunitários, pois tudo, durante séculos, emanou da palavra dita, já que só muito tardiamente a grande maioria dos naturais teve acesso à escrita. Também a história do vasto continente tem, na milenar arte de contar, sua base de sustentação. Arthur Ramos (1952, p. 80) afirma, referindo-se aos contadores, que

A sua memória prodigiosa conserva os mais antigos acontecimentos da tribo, feitos das grandes personagens, crenças e tradições, genealogias e transmite-os de geração em geração. Até um certo ponto a história africana tem sido reconstituída

através desses conteurs, cuja função se tornaria tão importante na vida do grupo.

O feito vivido – lutas internas, dissensões, genealogias, casamentos intertribais, criações de novos grupos clânicos etc. – nas sociedades africanas não letradas passava a ter estatuto de fato contado e, com isso, preenchia-se o vazio lacunar da não escrita e a História se disseminava pela voz.

Os ritos iniciativos – eles próprios uma face do processo sócio-histórico mais abrangente – também têm na oralidade a base de sustentação, embora não se possa descartar o seu aspecto mágico, por sua vez uma forma simbólica de trabalhar, no plano da cultura, os segredos e mitos fundadores. Tudo dentro do espaço da vida comunitária africana se construiu/destruiu, por séculos, pela eficácia da voz que tanto re(in)staurava o passado, quanto impulsionava o presente, como anunciava o futuro, antes de e durante os séculos de dominação branco-européia, quando a escrita não era um patrimônio cultural do grupo (PADILHA, 1995, p. 16-17).

Vamos encontrar tradição oral também na história do Congado no Brasil. Nas cerimônias do Reinado de Nossa

Imagem 2 – Músicos durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Milho Verde, Minas Gerais (2005).

Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Senhora do Rosário, popularmente conhecidas como Congadas, os santos católicos são festejados africanamente. Ternos ou guardas do Congo também podem existir individualmente, ligados aos santos de devoção em comunidades onde não exista o Reino. Como explica Leda Martins (1997, p. 31-32),

Os Reinados, entretanto, são definidos por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem não apenas a presença das guardas, mas a instauração de um Império, cuja concepção inclui variados elementos, atos litúrgicos e cerimoniais e narrativas que, na performance mitopoética, reinterpretem as travessias dos negros da África às Américas.

A cultura afro-brasileira também resiste pelas montanhas de Minas. Os

instrumentos de percussão abrem o cortejo do rei Congo, como podemos observar na Imagem 2. Lá, os festejos constituem e fundam uma das mais ricas e dinâmicas matrizes da memória *banto*. Os Congados expressam muito esse saber *banto*, que concebe “o indivíduo como expressão de um cruzamento triádico: os ancestrais fundadores, divindades e ‘outras existências possíveis’, o grupo social e a série cultural” (MARTINS, 1997, p. 37).

É nesse momento que deparamo-nos mais uma vez com uma memória que teima em resistir. O sujeito como signo e efeito de princípios que não elidem a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a me-

mória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano; “concepção esta presente na cosmovisão dos capitães e reis dos Congados, como um dos substratos das culturas bantôs que ali se orquestram” (MARTINS, 1997, p. 37).

Prestigiando a arte e o saber de seus antepassados, seus dançarinos, seus músicos, seus contadores de história jogam com a herança colonial de dominação. Em sua Festa, resistem... Sabe-se que a coroação dos reis negros,

Imagem 3 – O Rei da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito de Diamantina, Minas Gerais (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

a Congada, acabou sendo incorporada pelo sistema escravocrata como modo de controle dos africanos e de seus descendentes. Porém, não se deve parar por aí a análise. Há controle, mas o interessante é observar como tal coroação, tal festa religiosa e folclórica, é apropriada pelo próprio negro que, por meio dela, recria, redimensiona formas ancestrais de organização social e ritual, invertendo os papéis sociais. Aqui, o Rei é negro, não branco (Imagem 3).

Mais do que nunca, observa-se a transgressão à antiga ordem escravocrata.

Os rituais de coroação de reis negros no Brasil e seus desdobramentos rompem as cadeias simbólicas instituídas pelo sistema escravista secular e religioso, reterritorializando a cosmovisão e os sistemas simbólico-rituais africanos, cruzando-os com os elementos das tradições europeias, neles posteriormente acoplados, tais como as reminiscências das cavalhadas e das embaixadas medievais de Carlos Magno (MARTINS, 1997, p. 38-39).

Estórias, lendas, cânticos, danças, uma

infinidade de mitologias negras, indígenas, portuguesas que se cruzam no imaginário do povo brasileiro na construção de nossa identidade cultural. Ecôs de um passado longínquo que, retrabalhado à luz do presente, torna-se grito de resistência cultural em tempos de globalização.

Foi nas festas em homenagem aos santos de sua devoção, aos seus santos padroeiros, promovidas pelas irmandades negras, que a coroação dos reis negros ganhou maior visibilidade ao longo dos séculos de escravidão. Nessas ocasiões, o costume se repetia e os negros elegiam seus reis, os coroavam em missa na Igreja (a hoje chamada Missa Conga), os acompanhavam em cortejos pelas ruas da comunidade, regadas de muita dança, música e comida. As irmandades dos “homens pretos” foram responsáveis por perenizarem os míticos reis de nação. Os reis escolhidos eram os responsáveis pela realização das festas. No caso de Minas Gerais, eram sempre eleitos os reis do Congo (SCARANO, 1978). Por isso, “foi pelo nome de congada, que as danças realizadas por ocasião dos festejos em torno dos reis e dos santos padroeiros ficou conhecida a partir do século XIX” (SOUZA, 2001, p. 251).

De acordo com Marina de Mello e Souza (2001, p. 252),

o rei Congo teve o papel de aglutinador das comunidades negras, remetendo à terra natal ao mesmo tempo em que esta era despida de suas particularidades concretas, passando a ser sentida como um lugar mítico do qual vieram todos os africanos escravizados.

É interessante perceber como, no processo de hibridização cultural, ao “tornarem-se” católicos e ingressarem nas irmandades leigas, os africanos e seus descendentes reinventaram criativamente aspectos de sua história e criaram mitos e ritos que reafirmavam, ao mesmo tempo, muitas das características da cultura de origem.

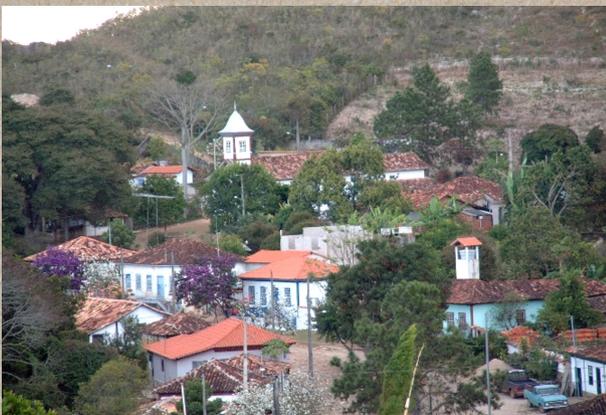
A festa da coroação dos reis no momento da celebração do santo padroeiro remetia a um passado africano, ainda que ressignificado e metamorfoseado pela experiência do catolicismo. E, na memória transmitida oralmente pelos versos e revivida a cada ano pelos ritos, com suas danças e músicas singulares, a Festa de Nossa Senhora do Rosário resistiu ao tempo e, apesar das mudanças e adaptações criativas, permanece ocorrendo em alguns vilarejos de Minas, antigos quilombos,

onde a presença negra destaca-se na paisagem, preservando o patrimônio e valorizando a cultura brasileira.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Rio das Pedras e Milho Verde, no Alto Jequitinhonha (MG)

História e narrativas ficcionais se misturam na representação e na reconstrução oral das origens da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Essa versão, particular na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras (Imagem 4), povoado que remonta aos antigos caminhos e passagens dos tropeiros no período

Imagem 4 - Vista do vilarejo de São Gonçalo, com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ao fundo (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

da descoberta do ouro e diamante – o Alto Jequitinhonha – foi contada pelos integrantes das guardas dos caboclos, catopés e marujada, durante os festejos da festa de Nossa Senhora do Rosário (Imagens 5 e 6).

Imagem 5 – Estandarte de Nossa Senhora do Rosário na casa do festeiro em Milho Verde, distrito do Serro, Minas Gerais (2005).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 6 – Procissão com estandarte de Nossa Senhora do Rosário, durante o primeiro dia de festejo em São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito de Diamantina, Minas Gerais (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

De acordo com os fatos documentados na história formal, a festa de Nossa Senhora do Rosário tem suas origens na época colonial, sendo que o culto tornou-se conhecido com a Batalha de Lepanto⁴. A recitação do terço foi divulgada primeiramente pelos dominicanos e, no século XVIII, a Or-

⁴ Em 7 de outubro de 1571, a esquadra católica, composta de aproximadamente 200 galeras, concentrou-se no golfo de Lepanto para lutar contra os “seguidores de Maomé”. Os católicos, com o terço ao pescoço, estavam perdendo a batalha contra a numerosíssima frota do Islã, comandada por Ali-Pachá. Após 10 horas de encarniçado embate, os batalhadores católicos receavam a derrota, mas ficaram surpresos ao perceberem que, inexplicavelmente e de repente, os muçulmanos, apavorados, bateram em retirada. Obtiveram, mais tarde, a explicação: aprisionados pelos católicos, alguns mouros confessaram que uma brilhante e majestosa Senhora aparecera no céu, ameaçando-os e incutindo-lhes tanto medo, que entraram em pânico e começaram a fugir. Logo no início da retirada dos barcos muçulmanos, os católicos reanimaram-se e reverteram a batalha: os infiéis perderam 224 navios (130 capturados e mais de 90 afundados ou incendiados), quase 9 mil maometanos foram capturados e 25 mil morreram. Ao passo que as perdas católicas foram bem menores: 8 mil homens e apenas 17 galeras perdidas. Enquanto se travava a batalha contra os turcos em águas de Lepanto, a Cristandade rogava o auxílio da Rainha do Santíssimo Rosário. Após a vitória, o Papa dirigiu-se em procissão à Basílica de São Pedro, onde cantou o *Te Deum Laudamus* e introduziu a invocação Auxílio dos Cristãos na Ladainha de Nossa Senhora. E para perpetuar a memória da conquista da Cristandade, foi instituída a festa de Nossa Senhora da Vitória, que, dois anos mais tarde, tomou a denominação de festa de Nossa Senhora do Rosário, comemorada pela Igreja no dia 7 de outubro de cada ano. Ainda com o mesmo objetivo, de deixar gravado para sempre na História que a vitória de Lepanto se deveu à intercessão da Senhora do Rosário, o senado veneziano mandou pintar um quadro representando a batalha naval com a seguinte inscrição: “*Non virtus, non arma, non duces, sed Maria Rosarii victores nos fecit*” [Nem as tropas, nem as armas, nem os comandantes, mas a Virgem Maria do Rosário é que nos deu a vitória – Tradução nossa]. (Cf. SERVOS DA RAINHA, 2009).

dem de São Domingos cria a Devoção do Rosário, nome dado pelo formato de rosas das contas. No momento inicial, a devoção à Nossa Senhora do Rosário era feita pelos homens brancos. “Divulgada a devoção de Nossa Senhora do Rosário na Península Ibérica, logo foi tida como protetora de inúmeros grupos, como os homens do mar do Porto sobretudo e considerada milagrosa entre os marinheiros” (SCARANO, 1978, p. 39).

Em Portugal, de acordo com Julita Scaranano, a Igreja, na tentativa de integrar o africano recém-chegado na sociedade católica e branca, atraiu-o para irmandades mais capazes de interessá-lo. Para a autora, talvez o proselitismo dominicano tenha sido o mais eficaz nesse intento: “Esse contacto religioso serviu para estabelecer certa coesão entre brancos e pretos, ligando-os através das mesmas crenças, ainda quando fossem, em muitos casos, forçadas e superficiais” (SCARANO, 1978, p. 41), como também já havia sido salientado por Gilberto Freyre (2006) em sua obra *Casa Grande & Senzala*. Durante muito tempo, os dominicanos e as associações que haviam criado contri-

buíram eficazmente para estimular a devoção do Rosário, tanto em Portugal quanto no ultramar. Mas também os agostinhos criaram inúmeras irmandades do Rosário, bem como os jesuítas. No Brasil, os escravos começaram a participar das Irmandades do Rosário através dos frades dominicanos, enquanto os brancos foram mudando de confrarias. Mas existem outras versões que afirmam que, em nosso país, a Irmandade do Rosário foi trazida principalmente pelos jesuítas e é bem possível que tenha vindo com confrades vindos de Portugal, empenhados em produzir essa piedade nos lugares em que se estabeleciam. (SCARANO, 1978, p. 47).

Em depoimento coletado durante a pesquisa, e registrado no vídeo-documentário por nós produzido (MAIA, 2005), os dançantes, alguns deles velhos guardiões da tradição, vindos de Milho Verde (distrito vizinho), narram que uma imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar e os brancos, hoje representados pela guarda dos Marujos, foram até a beira do mar e dançaram, cantaram e chamaram Nossa Senhora, mas ela não se moveu.

Em seguida, foi a vez dos índios, representados pelos caboclos, que também fizeram seus rituais, suas danças e seus louvores à Nossa Senhora, que continuou no mesmo lugar. E então vieram os negros que, depois de muito insistir, dançando, batendo seus tambores e cantando, fizeram com que Nossa Senhora do Rosário chegasse até eles e saísse do mar, passando a se chamar Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

A festa do Rosário de Nossa Senhora no Brasil está ligada a grupos negros que realizam os autos populares, conhecidos pelos nomes de Congada, Congado ou Congos. Por essa vinculação aos negros, o Congado também se tornou uma festa de santos de cor, como São Benedito e Santa Efigênia (GOMES, 1998, p. 120).

A Festa do Rosário, tal como realizada no Brasil colônia, como Congada, tem também uma origem luso-africana, pois o catolicismo de Portugal forneceu os elementos de devoção à Nossa Senhora do Rosário, enquanto os negros deram forma ao culto e à festa. Foi no território da América Portuguesa

que se mesclaram tais manifestações culturais, isto é, o catolicismo oriundo de Portugal e as manifestações das culturas africanas.

A partir daí, a devoção foi imposta aos negros como forma de controle e catequese. Porém, os negros não só se tornaram devotos de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, como também introduziram elementos de sua própria cultura para a crença e a ritualística sacro-profana. Esta foi uma das poucas oportunidades que tiveram para manter alguns dos seus costumes e tradições, sincretizados na Santa católica “africanizada”. Como forma de catequização e reconversão católica, permitiu-se aos negros incluírem nas celebrações de devoção à Nossa Senhora do Rosário e demais “santos pretos”, elementos que remetessem à sua cultura. A festa foi significativamente enriquecida com rituais africanos, como a coroação de reis e rainhas, além do uso de instrumentos de percussão, acompanhados dos cantos e danças.

Nas festas, os ritos que as compunham e ainda as compõem, os mitos que veiculavam e veiculam e os sím-

bolos que exibiam e exibem, as comunidades negras construíram e consolidaram uma identidade forjada a partir da escravização e da integração à sociedade colonial e nos quais elementos de origem portuguesa, como o catolicismo e as irmandades religiosas, foram recheados de simbolismos e significados que uniam os africanos e seus descendentes a seus ancestrais e a suas terras natais. Paradoxalmente, ao adotarem elementos vindos da cultura portuguesa, reforçavam os laços que uniam as comunidades negras à África. “Afirmando-se como propagadores do cristianismo e evocando para tal um passado anterior à escravização, os africanos e seus descendentes definiam para si um espaço simbólico na sociedade colonial, no qual eram agentes de sua própria história” (SOUZA, 2001, p. 258).

Até hoje, no hiato de tempo em que ocorre a festa, a comunidade, ainda em sua maioria composta por mestiços, descendentes de escravos, se afirma como portadora de cultura e história próprias, mesmo tendo adotado formas portuguesas para expressar valores africanos. E, do mesmo modo

que ocorria no tempo dos senhores e administradores coloniais, também hoje para o pároco que vai abrir a igreja para os reis trata-se de uma festa cristã. Afinal, muitas vezes o padre sequer conhece o mito e o que representa a festa e, como estão a festejar Nossa Senhora do Rosário, mesmo que com danças de origem africana, para a Igreja os participantes estão praticando o cristianismo. Por isso, a festa era e ainda é aceita.

A estrutura organizacional dos festejos do Reinado é complexa e repleta de simbologias, representando não somente o legado de nações africanas como também os reinos sagrados. Muitas celebrações dramatizadas incluíam, e em alguns casos ainda incluem, o levantamento de mastros, a produção de estandartes, a celebração de novenas, cortejos solenes, a coroação de reis e rainhas, o cumprimento de promessas e a realização de leilões, cantos, danças e banquetes coletivos (Imagens 7 a 13).

No apogeu da festa, inclui-se a escolha dos reis para o próximo ano, com cortejo acompanhado de grupos de

dançantes e cantores, chamados de guardas, além da coroação dos reis dentro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e da apresentação de autos dramáticos com trocas de *embaixadas*, que eram os diálogos que simbolizavam uma luta entre brancos (marujos) e índios, entre índios e negros, mas, também, a luta abolicionista, neste caso, após a abolição. O condutor dos escravos exigia do fazendeiro a libertação dos escravos publicamente:

- Diante desta plateia, você vai ter que dá essa libertação para esses negros. Todos nós queremos a liberdade deles.

-E eu não posso dar porque me custaram bom dinheiro e, enfim, fazem falta para meus trabalho.

- Eles podem trabalhar para você, mas não como escravos. Nós queremos a libertação desses negros. Você vai ter que dar.

-Vejo que todos da plateia, desse pessoal, estejam contra mim. Eu vou ceder.⁵

Assim, cada guarda é um grupo de dançantes que acompanha as festas de Nossa Senhora do Rosário ou dos Santos Pretos, com uma história pró-

⁵ Esta é uma das tantas embaixadas que eram feitas pelas guardas durante o cortejo que acompanhava o rei e a rainha até a igreja de Nossa Senhora do Rosário.

pria, com músicas, vestes e instrumentos particulares.

Contudo, todo fenômeno social está inserido em um contexto que, ao pas-

Imagem 7 – Traje típico de dançante durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde (2005).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 8 – Estandartes e vestimentas do cortejo durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Rio das Pedras (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 9 – A rainha da Festa de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo, aguardando o Rei para cortejo até a Igreja, na porta de sua casa, situada na região da vila habitada por quilombolas (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 10 – A Rainha ao lado de seus parentes, todos pertencentes à família dos quilombolas que habitavam a região de São Gonçalo do Rio das Pedras (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 11 – O encontro do Rei com a Rainha e a chegada do cortejo com seus dançantes na casa da rainha São Gonçalo do Rio das Pedras (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 12 – A procissão segue pelas ruas do vilarejo em direção à casa da Rainha São Gonçalo do Rio das Pedras (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

Imagem 13 – Rei e a rainha caminham em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, onde será realizada a missa conga. São Gonçalo do Rio das Pedras (2007).



Fonte: Elaborada pelos autores (acervo particular).

sar do tempo, muda, altera a fim de acompanhar o movimento daquela cultura em que está inserido. Portanto, não se pode considerar que a Festa do Rosário permaneça intacta desde suas formas iniciais da época da colonização. A cada ano a festa mudou, algumas tradições se perderam, assim como parte de sua complexidade, fazendo com que ela se tornasse empobrecida se compa-

rada com as festas anteriores. Algumas festas perderam sua riqueza cerimonial, as partes de coroação do rei congo e, em alguns lugares, a Igreja Católica começou a não permitir danças e rituais dentro das igrejas, por não darem mais valor religioso a estes cultos. Por outro lado, os integrantes das irmandades, através da oralidade, fizeram com que a tradição continuasse sendo mantida.

Considerações finais

A festa em São Gonçalo do Rio das Pedras está hoje nas mãos dos devotos de Nossa Senhora do Rosário, embora nem todos sejam afrodescendentes, o que, de certa forma, implica mudanças na relação entre negritude, cultura e tradição. Hoje parece haver um predomínio da parte profana em detrimento dos elementos religiosos, que se perderam no manancial de atributos sociais e de compartilhamento. Tal compartilhamento e expansão da participação para além dos devotos de Nossa Senhora do Rosário coincide com a introdução de outros sujeitos na comunidade, vindos de outros lugares, bem como com a presença de turistas.

Há alguns anos atrás, vieram para a região turistas, inclusive estrangeiros, encantados pela beleza do lugar e pelo modo de vida simples do povo, e que acabaram ali se fixando e alterando a idéia do nativo como originário do lugar. Afinal, passados alguns anos, estes primeiros, e outros que ainda chegam, se tornaram autóctones, nativos de outra ordem. Da mesma forma, artistas e pessoas oriundas sobretudo de grandes núcleos urbanos, foram atraídas para a

região, assim como alguns antigos moradores que, pelas oportunidades do turismo, resolveram voltar.

A vinda destes novos habitantes começou a gerar transformações nos modos de vida e na cultura permeável da comunidade local. No entanto, estas interferências não ocorrem sem resistências e conflitos, ainda que dentro de uma ordem simbólica pouco perceptível. Além disso, estas comunidades não podem ser consideradas como genuinamente tradicionais, se é que seja possível falar de uma cultura “pura”, já que muitos elementos da cultura massificada já podem ser amplamente observados em São Gonçalo do Rio das Pedras. Claro está que essas comunidades agem a partir dos seus repertórios de referência identitária e, portanto, segundo a sua base própria de conhecimento.

O fator gerador de mais visibilidade atual de influência, neste sentido, foi a idealização do *Projeto Estrada Real*⁶ e a consequente valorização da região, que sofreu um fluxo turístico mais acelerado, o que

⁶ Formulado em 2001, o Projeto Estrada Real possui mais de 1.630 quilômetros de extensão, cortando os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. O caminho histórico privilegia o antigo caminho relacionado ao ciclo minerador do Brasil colonial. Para mais informações, ver Instituto Estrada Real (2017).

intensificou novas aproximações sociais e intercâmbios culturais. Neste sentido, é justo um olhar que atenta para as influências do processo turístico sobre a comunidade local. Este tema é alvo de interesse, inclusive da própria comunidade, que se organiza, via associações comunitárias, numa rede sócio-política, para a compreensão destes processos.

A festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre em meio a este ambiente de mutações internas que se reflete também na estética, em muito ligado à vinda de artistas para a região. Estes artistas interferiram na cidade, modificando a decoração das casas e estabelecimentos, gerando uma paisagem em transformação. Na festa, estas interferências podem ser observadas em vários níveis, como nas indumentárias (vestimentas dos participantes), que foram modificadas a partir de novos elementos visuais e nova ritualística, agregando, portanto, visualidades e formas de celebração num híbrido entre referências internas e externas.

Essa mistura de culturas é um marco do hibridismo cultural no Alto Jequitinhonha. Uma análise possível é a de que, como fenômeno dinâmico, ocorre na festa uma negociação de códigos culturais e uma resistência da cultura

local face aos impulsos globais, que tendem a massificar a manifestação, tornando-a mero “atrativo turístico” ou espetáculo. Por outro lado, observa-se a valorização crescente da dimensão estética e do discurso autojustificado sobre a representação, enquanto a ética que lhe dá sentido de ser parece esvaír-se em meio a esses novos sentidos.

Existe uma grande dificuldade em identificar a ideologia por trás da manifestação, uma vez que, por se tratar de uma forma de expressão da cultura popular, a tradição é passada oralmente, fazendo com que o povo misture ficção e memória nos relatos que são transmitidos.

Em Minas Gerais, embora não seja possível precisar uma data segura, parece que o compromisso da Irmandade do Rosário dos Pretos em Villa Rica (atual Ouro Preto) é de 1715 e dele consta a declaração de que funcionava “há mais de trinta anos” (DÉLAMARE, 1935, p. 21). A Irmandade alcançou tanta popularidade no interior de Minas Gerais que até hoje se mantém viva em algumas vilas.

No entanto, para a população local a história é outra. Os repertórios nativos baseiam-se em mitos populares e tradições inventadas que, compartilhadas entre os membros do grupo, criam uma

espécie de *devaneio*, uma narrativa que serve como justificativa às representações e que as recria dinamicamente. Os relatos sobrepõem-se uns aos outros, buscando uma reconstrução histórica e mítica, e fundindo a história de ocupação da região aos antigos mitos populares sobre aparições da Virgem, onde negros, pescadores/marujos brancos e índios são apontados como responsáveis pelo início do culto. A história contada vai recebendo novos personagens e enredos, num imaginário popular rico em movimento.

Na perspectiva do Turismo Cultural, o

caráter de autenticidade revela novas significações dentro de um universo simbólico construído pela oralidade, histórica e ficcional. Neste universo, as práticas culturais tendem a representações passíveis a solicitações externas, deixando de lado a espontaneidade e o valor cultural enquanto extensões dos ideais do povo, tornando-se, numa reflexão *a la* Debord (1997), uma festa-espetáculo. Essa visão voyeurística pode levar a certa noção de artificialidade e cenarização imediata, processo que ainda não é verificado na festa em questão, que evidencia fortes traços da tradição, ainda que em veloz mutação.

Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BORNHEIM, Gerd. Filosofia e Política Ecológica. *Revista filosófica brasileira*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.16-24, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm>. Acesso em: 21 jul. 2017.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DELAMARE, Alcebíades. *Villa Rica*. São Paulo: Nacional, 1935.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: os arturos*. Juiz de Fora: Ministério da Cultura; EDUFJF, 1998.

INSTITUTO ESTRADA REAL. [Site oficial]. Disponível em: <<http://www.institutoestradaareal.com.br>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

MAIA, Andrea Casa Nova. Depoimentos sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Acervo Particular, 80 min., 2005.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*: O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra*. Niterói: Eduff, 1995.

RAMOS, Artur. (1935). *O folclore negro no Brasil*. Rio de Janeiro: CEB, 1954.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. ISSN 1806-9347. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jul. 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003>.

SCARANO, Julita. *Devoção e escravidão*. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

SOUZA, Marina de Mello e. *Parati: a cidade e as festas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____. História, mito e identidade nas Festas de Reis Negros no Brasil séculos XVIII e XIX. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Orgs.). *Festa*. Cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Imprensa Oficial; Hucitec; Edusp, 2001. v. 1. p. 249-260.

SERVOS DA RAINHA. *A Batalha de Lepanto*. Disponível em: <<https://servosdarainha.wordpress.com/category/a-batalha-de-lepanto/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

